

Sobre este achado reproduzimos noutra parte uma noticia inserta na *Gazeta da Figueira*, de 9 de Novembro d'este anno.

Como se vê, a Sociedade Archeologica da Figueira, na sua curta existencia, tem-se já manifestado sufficientemente, sendo de esperar que continue perseverante no fim que se propôs.

Figueira, Novembro de 1898.

P. BELCHIOR DA CRUZ.

### O «Castello» de Guifões

Entre Leça da Palmeira e a pequena povoação de Guifões (concelho de Bouças) fica um monte com vestigios de edificações antigas, o qual entra na categoria dos *castros*.

Um documento do sec. XI, citado por Velho de Barbosa na *Memoira historica do mosteiro de Leça chamada do Balio*, Porto 1852, refere-se a este monte, a p. 75, dizendo: «subtus Castro Gueifones».

Estive em Guifões em 1880; o Sr. Martins Sarmiento tambem lá tinha estado. Pelo que elle e eu encontrámos, vê-se que há em Guifões, como em muitos outros castros, vestigios de duas civilizações: uma pre-romana, outra romana. A pre-romana revela-se não só no systema geral da povoação, mas no apparecimento de instrumentos da idade da pedra polida, e de fragmentos de vasos de barro com ornamentação muito simplez, em linhas curvas irregulares. A romana revela-se no apparecimento de telhas de rebordo, de ceramica marcada e de um pêso de barro.

Na estampa junta represento, segundo o desenho do Sr. Henrique Loureiro, em metade da grandeza natural, um pêso de barro, e um fragmento ceramico, que eu trouxe de Guifões, e que hoje tenho no Museu Ethnologico Português. O pêso (*pondus*) é arredondado em baixo, e quasi plano em cima, e tem aos lados dois orificios que não communicam entre si: fig. 1, (visto com inclinação); fig. 1-a, contôrno de uma das faces principaes; fig. 1-b, contôrno de um dos lados. O fragmento ceramico pertence, segundo parece, a um tijolo (*later*): contém uma letra digital, D ou P, mais provavelmente P; são frequentes letras d'estas em ladrilhos romanos.

Ao fundo do monte havia um pequeno monumento feito de tijolo, talvez forno; foi neste monumento que encontrei o tijolo. Pelo monte apparecem mós de moinho-de-mão, analogas ás que se tem encontrado em Sabroso, na Citania e noutras estações lusitanicas.

Na citada obra de Velho de Barbosa diz-se que em 1850 se descobrira no monte, na raiz de um carvalho, «uma garrafa de vidro, de boca mui larga, e d'uma figura totalmente differente das actuaes»<sup>1</sup>. O A. mais nada adeanta, perdendo-se em infundadas considerações a respeito da origem grega e celtica de Guifões.

Os povos da localidade attribuem, já se vê, estas ruínas aos Mouros. Colhi a tal proposito algumas tradições; cfr. *O Pantheon*, p. 36, nota.

A pronúncia popular do nome do monte é *Castêllo*, e não *Castêllo*; pelo menos assim ouvi a diversas pessoas.

\*  
\* \* \*

Já depois de escrito e composto na imprensa o que precede, recebi do meu amigo e antigo condiscipulo Dr. Ribeiro Fortes Junior duas cartas, d'onde extráio as seguintes notícias sobre Guifões.

«Ergue-se a collina, vulgarmente conhecida pela denominação de *Castêllo*, junto do rio Leça, num pendor rapido e escabroso; pelo lado do Sul seguem-se-lhe outras na direcção da cidade do Porto. Na encosta distinguem-se evidentes vestigios de fortificações, que, como em todos os castros luso-romanos, serviriam para auxiliar a defesa natural da povoação, que noutros tempos assentava no planalto da collina.

Não faltam por estas paragens as lendas de mouras encantadas, que habitariam aquelles sitios.

Por quasi toda a collina afloram á superficie do terreno innumerous fragmentos de ceramica com accentuado cunho luso-romano. Apanhei alguns, que sem contestação devem ser restos de *tegulae*, de *imbrices*, de tijolos e de vasos diversos. A argilla empregada na sua factura, de pasta em geral grosseira, é de côr muito variada. Usariam os habitantes do castro das argillas *refractarias*, brancas e cinzentas, e das argillas *figulinas*.

O caco mais curioso que apanhei devia ter pertencido a um vaso de largo bojo e tamanho consideravel; a julgar pelo raio das curvas que apresenta no sentido da largura e da altura, e pela espessura (0<sup>m</sup>,08), poderia ter sido de um *dolium vinarium* ou *olearium*.

---

<sup>1</sup> *Memoria*, p. 75.— Cf. tambem *O Arch. Port.*, IV, 320.

É de barro cinzento e grosseiro, em que se torna evidente o emprêgo da roda de oleiro; apresenta vestígios de um inducto lustroso e negro, especie de vidrado, e de uma ornamentação grosseira, gravada na pasta, a qual consistiria em um traço circumdante e por baixo series de circumferencias concentricas dispostas alternadamente em linhas parallelas ao traço.

Só uma exploração cuidadosa poderia fixar a natureza d'este castro. Parece que já se fez uma tentativa fructuosa, suspensa não sei porque ordem de motivos.

Seria, pois, util que no teu prestantissimo *Archeologo Português* chamasses a attenção para esta estação archeologica, que, como as suas congeneres, deve fornecer preciosos elementos para a proto-historia».

\*

«Addito as minhas informações sobre o castro de Guifões, suppondo que as tenhas ainda mais deficientes, o que não é muito presumivel.

A par da ceramica grosseira de que fallei, apanham-se destroços menores de vasos ornamentados, de barro finissimo.

A argilla d'estes é vermelha, cinzenta e esbranquiçada; cobre-a exterior e interiormente um polido perfeito. Apparece com frequencia a ornamentação de espiras já gravada, já em relêvo como num caco que possuo. Num fragmento de pequeno vaso os ornatos são muito curiosos, de trabalho complicado e ao mesmo tempo muito gracioso: devia ser um vaso de luxo.

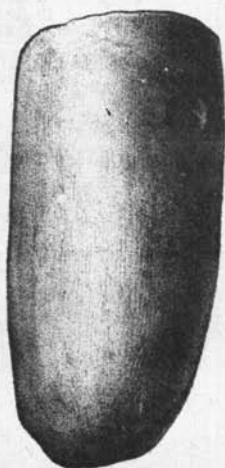
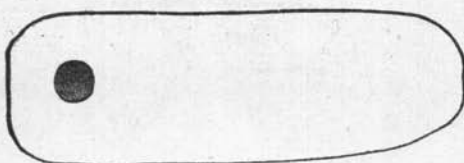
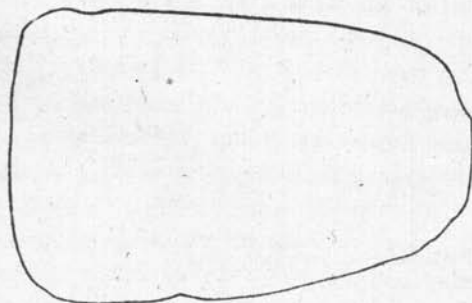
Alguns desenhos são executados evidentemente com ponta ou estylete; e a cozedura de toda a ceramica é, em regra, completa em toda a espessura, apparecendo incompleta e limitada ás superficies externas num pequenissimo numero de fragmentos.

O insignificante numero de objectos que conservo em meu poder foram apanhados ao acaso. Ainda assim fazem suppor que uma exploração rigorosa forneceria importantes elementos de estudo.

Parece-me poder até afirmar desde já que os *castrenses* de Guifões eram um povo adeantado em civilização, em relações commerciaes com outros centros, a julgar pela variedade e superior qualidade das argillas empregadas no fabrico de alguma ceramica que as vizinhanças do castro não podia fornecer.

É cedo para classificar esta estação archeologica; supponho, porém, que não errará quem a classificar de *luso-romana*».

J. L. DE V.

$\frac{1}{2}$ *Fig. 1* $\frac{1}{2}$ *Fig. 2**Fig. 1-b**Fig. 1-a*